FIDES REFORMATA XXX, Nº 1 (2025): 9-33

Entre Graça e Antítese: Fundamentos para uma Compreensão Reformada da Cultura

*Allen Porto**

RESUMO

Como o cristão deve viver em relação à cultura? Este artigo busca responder essa pergunta por meio da análise de ferramentas teológicas e bíblicas que ajudam na compreensão da cultura e da atuação cristã no mundo. O texto está estruturado em torno de três eixos: compreender, criticar e criar cultura, abordando neste ensaio apenas o primeiro deles. Parte-se de uma definição robusta de cultura – como resposta comunitária ao chamado de Deus – e analisa-se sua trajetória na história da redenção (Criação, Queda, Redenção e Consumação). Com base nessa narrativa, o artigo propõe categorias teológicas, como imago Dei, mandato cultural, vocação, graça comum e antítese, que moldam uma visão reformada engajada. Além disso, avalia posturas cristãs diante da cultura, com destaque para autores como Schaeffer, Kuyper, Dooyeweerd, Niebuhr, Machen e Crouch. Conclui-se que compreender a cultura é possível e essencial para uma vida cristã fiel e intencional no mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Cristianismo e cultura; Teologia reformada; Graça comum; Antítese; Mandato cultural.

INTRODUÇÃO

Em 1976, Francis Schaeffer publicou um livro, que depois sairia como uma série de vídeos, chamado *Como viveremos?* (*How Should We Then Live?*).

* Mestre em Teologia Sagrada (STM) pelo CPAJ; professor de teologia filosófica no CPAJ; pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Barretos (SP).

Em nota especial, explicando a inspiração para o título da obra, Schaeffer menciona Ezequiel 33.1-11,19, do qual citamos um trecho a seguir:

> 1 Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: 2 Filho do homem, fala aos filhos de teu povo e dize-lhes: Quando eu fizer vir a espada sobre a terra, e o povo da terra tomar um homem dos seus limites, e o constituir por seu atalaia; 3 e, vendo ele que a espada vem sobre a terra, tocar a trombeta e avisar o povo; 4 se aquele que ouvir o som da trombeta não se der por avisado, e vier a espada e o abater, o seu sangue será sobre a sua cabeça. [...] 7 A ti, pois, ó filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel; tu, pois, ouvirás a palavra da minha boca e lhe darás aviso da minha parte. [...] 10 Tu, pois, filho do homem, dize à casa de Israel: Assim falais vós: Visto que as nossas prevaricações e os nossos pecados estão sobre nós, e nós desfalecemos neles, *como, pois, viveremos?* 11 Dize-lhes: Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel? 19 E, convertendo-se o perverso da sua perversidade e fazendo juízo e justiça, por isto mesmo viverá. [...] [meu destaque]

O papel do profeta era ser uma voz de alerta. Em 1976, Schaeffer quis ser uma voz de alerta. Em suas palavras:

> Este livro foi escrito na esperança de que a geração presente possa se prevenir contra os maiores erros da vida, e que não coloque qualquer coisa criada no lugar do Criador e para que esta geração mantenha distância do caminho da morte e que possa viver de verdade.[1]

A pergunta "como viveremos?" acompanha o povo de Deus desde a saída do Éden. Cada geração teve de lidar com os desafios de viver fielmente no seu espaço e no seu tempo. E como seres finitos, ou contextuais, sempre delimitados em alguma medida pelo nosso espaço e tempo, desde a Queda experimentamos um relacionamento ambíguo com o nosso contexto. Sempre vivemos na cultura, mas em um relacionamento tenso com ela.

Hoje a pergunta continua sendo feita. "Como viveremos?" é um clamor não somente para o cristão "comum", mas também para aqueles que foram encarregados de agir como atalaias nas posições de pregação, ensino, discipulado, aconselhamento e amizade. No fim, é a busca por discernir caminhos fiéis, sábios e corajosos para a relação com a cultura. O presente artigo busca trazer luz sobre esses desafios e possibilidades.

---

1 SCHAEFFER, Francis. *Como viveremos?* São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 195.

1. DELIMITANDO O PROBLEMA

O nosso tema geral é a relação do cristão com a cultura. Mas, sem que haja um problema, com definição mais clara, corremos o risco de andar em círculos e não termos clareza quanto aos dilemas que havemos de enfrentar.

Identificar perguntas norteadoras para a discussão ajuda nisso. Da pergunta central "como pode um cristão caminhar bem diante da cultura?", várias questões podem ser desenvolvidas, como:

1. O que é cultura?
2. Como a Escritura apresenta a cultura na história da redenção?
3. Que categorias bíblicas e teológicas podem nos ajudar a pensar adequadamente a relação com a cultura?
4. Como os cristãos têm respondido, comumente, à cultura?
5. Qual é o fundamento da cultura?
6. Como chegamos ao estado de coisas na cultura contemporânea?
7. Que ferramentas podem ser úteis para a hermenêutica cultural?
8. Quais devem ser os limites do engajamento cultural?
9. Que modelos de relacionamento com a cultura nos são úteis para instruir e encorajar?
10. Quais as dificuldades específicas da nossa tradição reformada nesse quesito?
11. Quais deveriam ser as nossas ambições no engajamento cultural?
12. Como podemos organizar a nossa vida para uma caminhada fiel na cultura?

Essas não são as únicas perguntas possíveis, mas funcionam como uma boa delimitação do dilema. O leitor atento perceberá que elas giram em torno de três blocos coesos. As perguntas 1-4 buscam tratar dos fundamentos, ou o que poderíamos chamar de compreender a cultura. As perguntas 5-8 tratam do discernimento cultural, ou o que poderíamos chamar de criticar a cultura. Finalmente, as perguntas 9-12 tratam da resposta ao chamado para produzir algo no mundo, ou o que poderíamos chamar de criar cultura. No presente artigo lidaremos apenas com o primeiro bloco: compreender a cultura. Os outros dois blocos serão tratados em textos posteriores.

2. ALINHANDO AS EXPECTATIVAS

Tratar cada questão com muito detalhe iria além das pretensões deste artigo. Cada uma dessas perguntas recebeu extensas respostas, que demandaram livros inteiros e longos arrazoados. Tais obras serão referenciadas ao longo do texto, para que o leitor possa aprofundar cada tópico conforme desejar.

Nossa pretensão é mais humilde. Podemos desdobrá-la em diferentes aspectos. O primeiro deles é oferecer uma resposta ampla à questão "como viveremos?", situando-a dentro da discussão mais ampla das relações entre o cristão e a cultura. O segundo é oferecer um mapa para encaminhar aqueles que desejam compreender a cultura, um roteiro abrangente, porém logicamente estruturado, para conduzir o interessado pelos diferentes terrenos da questão, até desenvolver uma percepção mais bem fundamentada e solidificada, embora não exaustiva. Finalmente, um último aspecto é organizar em um único texto as diferentes visões e propostas que têm sido oferecidas a essas questões, permitindo ao leitor um panorama das ideias produzidas por cristãos no que diz respeito a compreender a cultura.

3. A RELEVÂNCIA DA QUESTÃO

Resta-nos, ainda a título de prelúdio, levantar a pergunta sobre a própria relevância da pergunta. Já mencionamos que todos os cristãos desde a Queda lidam com um relacionamento tenso com a cultura. Ainda assim, alguém poderia questionar se uma discussão do relacionamento entre cristianismo e cultura seria algo datado ou ultrapassado.

A exemplo do que já foi mencionado acima, há diversas obras tratando do tema. Essas obras se dividem em diferentes categorias, desde aquelas com teor mais descritivo, buscando compreender o que é a cultura, seus fenômenos e a sua influência sobre o cristianismo (e/ou vice-versa), passando pelas que delineiam modelos históricos de cristãos ativos no mundo e o impacto que produziram, até as obras de caráter mais prático, seja buscando analisar filmes e outros bens culturais, seja de caráter apologético, identificando crenças contemporâneas contrárias à Palavra de Deus e convocando os cristãos para oferecer respostas, ou ainda convocando à ação cultural engajada em diversos setores da sociedade, como a construção de escolas e envolvimento na política, dentre outros aspectos.[2]

Contudo, exatamente pela pluralidade de possibilidades e caminhos, torna-se mais fácil se perder em meio às árvores sem a capacidade de contemplar a floresta. A questão tem o seu lugar pela utilidade de um trabalho de organização e apresentação das diferentes propostas.

A questão também é relevante porque cada geração precisa tanto fazer a pergunta por si mesma, quanto ouvir as reflexões daqueles que têm pensado sobre o tema ao longo da história. O desafio de lidar com a cultura de modo saudável ganha novos contornos em cada momento e lugar. Como David VanDrunen afirma:

---

2 Lidaremos com obras de todos esses tipos ao longo deste artigo.

> Se você é um cristão sério, provavelmente pensa sobre a questão de Cristianismo e cultura com frequência, quer perceba ou não. Cada vez que você pensa sobre o que a sua fé tem a ver com o seu trabalho, seus estudos, suas visões políticas, os livros que você lê ou os filmes que assiste, você confronta o problema de Cristianismo e cultura.[3]

Finalmente, a questão continua relevante por sua utilidade ministerial. Refletir sobre as formas saudáveis de se relacionar com a cultura é importante para que pastores, líderes, professores, conselheiros e irmãos possam exercer o seu ministério auxiliando outras pessoas em um mundo caído. Guardar o próprio coração e auxiliar os irmãos se torna mais intencional e direcionado quando o nível de consciência dos problemas e questões envolvidas, bem como das respostas bíblicas, teológicas e históricas, está mais elevado. Com isso em mente, podemos avançar.

4. COMPREENDER A CULTURA

"Como podemos viver adequadamente diante da cultura?" é uma pergunta que demanda definições. A mais fundamental é a de cultura.

4.1 O que é cultura?

Segundo o crítico literário Terry Eagleton, "cultura" foi considerada a segunda palavra mais complicada da língua inglesa, ficando logo após "natureza".[4] Em português o cenário não é diferente. O conceito de cultura tem sido objeto de ampla discussão, especialmente no contexto das ciências sociais. Antropólogos e sociólogos ao longo de séculos buscam entender as nuances de cultura e defini-la com maior precisão.

4.2 Cultura nas ciências sociais

Uma breve genealogia do conceito envolve autores como Edward B. Tylor, que, em 1871, definiu cultura como "aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade".[5] Uma lista de definições é oferecida por Roger Keesing e Andrew Strathern em seu "Antropologia cultural":[6]

---

3 VANDRUNEN, David. *Living in God's Two Kingdoms*: A biblical vision for Christianity and culture. Wheaton, IL: Crossway, 2010, p. 11.

4 CROUCH, Andy. *Culture Making*: recovering our creative calling. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 2009, p. 10. Kindle Edition: "The literary critic Terry Eagleton observes, not reassuringly, that culture has been called the second most complicated word in the English language, after nature".

5 TYLOR, Edward Burnett. *A ciência da cultura* (Portuguese ed.), p. 5. (Function). Kindle Edition. Esse é um trecho de sua obra *Cultura Primitiva*, publicada em 1871.

6 KEESING, Roger M.; STRATHERN, Andrew J. *Antropologia cultural*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 35.

> A soma total de conhecimento, atitudes e padrões habituais de comportamento partilhados e transmitidos pelos membros de uma sociedade específica (LINTON, 1940).
>
> A massa de reações motoras aprendidas e transmitidas, hábitos, técnicas, ideias e valores – e o comportamento que eles induzem (KROEBER, 1948).
>
> A parte do meio ambiente feita pelo homem (HERSKOVITS, 1955).
>
> Padrões explícitos e implícitos de comportamento e para o comportamento adquiridos e transmitidos por símbolos, que constituem a realização característica dos grupos humanos, inclusive sua incorporação em artefatos (KROEBER & KLUCKHOHN, 1952).

Clifford Geertz também é citado na obra de Keesing e Strathern: "A cultura é o tecido de significado em termos do qual os seres humanos interpretam sua experiência e orientam sua ação" (GEERTZ,1957).[7]

Kathryn Tanner, professora de teologia na Universidade de Chicago, oferece uma breve história da noção de cultura, desde a sua compreensão como uma qualidade pessoal de sofisticação e letramento, passando pela visão de sociedades mais "evoluídas" do que outras – no que se definiu como evolucionismo cultural –, até chegar à noção antropológica de cultura, como os conceitos acima. Ela também apresenta o significado moderno de cultura, descrevendo elementos básicos como: (1) cultura é entendida como um universal humano; (2) embora seja universal, o uso antropológico do termo realça a diversidade humana; (3) a cultura varia de acordo com o grupo social; (4) cultura tende a ser concebida como a forma total de vida de um grupo; (5) as culturas estão associadas ao consenso social; (6) a cultura envolve a natureza humana, no sentido de funcionar como meio de sua expressão; (7) as culturas definem o homem e são definidas por ele; (8) as culturas são contingentes; (9) a noção de cultura sugere determinismo social: a sociedade definitivamente molda o caráter de seus membros.[8]

Tais definições ampliam a compreensão do termo e desafiam aquilo que Brian Howell e Janelle Paris denominam de o modelo da "feira étnica".[9] Esse modelo é adotado nas igrejas evangélicas: a feira étnica é a "feira missionária". Na organização desses eventos, grupos são divididos para representarem países, povos ou culturas específicas. As equipes montam os seus estandes

---

7 Ibid., p. 45.

8 TANNER, Kathryn. *Theories of culture*: a new agenda for theology. Minneapolis, MN: Augusburg Fortress, 1997, p. 3-29.

9 HOWELL, Brian M.; PARIS, Janelle Williams. *Introducing Cultural Anthropology*: A Christian perspective. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2011, p. 26. Edição Kindle.

com comidas típicas, roupas específicas e músicas. Tal representação tem o seu lugar, mas a compreensão de cultura fica reduzida a expressões do folclore de um povo.

As definições acima sugerem que cultura é mais do que o tipo de música ou roupa utilizados, embora esses produtos culturais sejam contemplados. Fala-se de "padrões de comportamento ou para comportamento", "tecido de significados", "soma total de conhecimento, atitude e padrões habituais de comportamento".

Um passo além na definição deve considerar como os cristãos interagiram com o conceito. Nome importante nessa genealogia é o do poeta e crítico literário T. S. Eliot. Em seu ensaio "Notas para a definição de cultura", Eliot descreve três sentidos, ou níveis, do termo: cultura da pessoa (indivíduo), do grupo ou classe, e do conjunto da sociedade.[10] Ao longo de seu texto, Eliot demonstra como esses três níveis estão ligados, e desenvolve *insights* importantes, como a relação entre cultura e religião. A certa altura, ele define cultura como a "encarnação da religião" de um povo.[11]

5. CULTURA NA TEOLOGIA CRISTÃ

Teólogos cristãos também têm interagido com o conceito e fornecido elementos para a compreensão e reflexão sobre o tema. Em janeiro de 1978, como parte dos desdobramentos do Congresso de Lausanne (1974), uma reunião de consulta do Grupo de Teologia e Educação da Comissão de Lausanne em Willowbank, Bermudas, produziu o documento "O evangelho e a cultura" (The Willowbank Report).[12] A publicação desse texto em português, no ano de 1983, serviu como preparação para o Congresso Brasileiro de Evangelização, realizado no mesmo ano. No texto, os 33 membros do grupo composto de teólogos, antropólogos, linguistas, missionários e pastores providenciam uma base bíblica para a cultura, começando com o parágrafo 10 do Pacto de Lausanne:

> Porque o homem é criatura de Deus, parte de sua cultura é rica em beleza e em bondade; porque ele experimentou a queda, toda a sua cultura está manchada pelo pecado, e parte dela é demoníaca.[13]

O documento providencia uma definição abrangente de cultura como "os padrões seguidos por um determinado grupo",[14] e descreve aspectos

---

10 ELIOT, T. S. *Notas para a definição de cultura*. São Paulo: É Realizações, 2011, p. 23.

11 Ibid., p. 36.

12 COMISSÃO DE LAUSANNE PARA A EVANGELIZAÇÃO MUNDIAL. *O evangelho e a cultura*. Belo Horizonte, MG: ABU e Visão Mundial, 1983.

13 Ibid., p. 8. Também disponível em: https://lausanne.org/pt-br/statement/pacto-de-lausanne#evangeliza-o-e-cultura. Acesso em: 14 maio 2025.

14 Ibid., p. 9.

como "certa medida de homogeneidade", a capacidade de unir várias gerações durante uma época, o processo de absorção do meio social, especialmente no lar, mas também envolvendo ritos, e uma conformidade que atua no nível subconsciente. Em tal definição, a cultura "compreende todos os aspectos da vida humana",[15] flui de uma cosmovisão, está ligada à linguagem e se manifesta em bens culturais diversos, e "as culturas jamais são estáticas, mas estão em contínuo processo de mudança".[16]

Depois desse arrazoado, o documento busca condensar a definição como:

> A cultura é um sistema integrado de crenças (sobre Deus, a realidade e o significado da vida), de valores (sobre o que é verdadeiro, bom, bonito e normativo), de costumes, (como nos comportar, como nos relacionar com os outros, falar, orar, vestir, trabalhar, jogar, fazer comércio, comer, trabalhar na lavoura etc.) e de instituições que expressam estas crenças, valores e costumes (governo, tribunais, templos ou igrejas, família, escolas, hospitais, fábricas, lojas, sindicatos, clubes etc.), que unem a sociedade e lhe proporcionam um sentido de identidade, de dignidade, de segurança e de continuidade.[17]

O ponto de destaque para a reflexão desse grupo é o esforço de perceber que a vivência do cristão se dá na cultura e a proclamação do evangelho também se manifestará nesse ambiente.

Kevin Vanhoozer, em seu ensaio sobre cultura, teologia e hermenêutica, apresenta a definição de cultura como "a 'performance' das crenças e valores últimos de alguém, uma forma concreta de 'encenar' a religião de alguém"[18]; "uma cultura é a objetificação, a expressão em palavras e obras do 'espírito' de um povo particular que habita um tempo e espaço particular"[19]. Ainda: "Cultura se refere ao trabalho expressivo da liberdade humana na e sobre a natureza".[20]

Ele apresenta a cultura como um drama histórico contínuo.[21] A partir disso, propõe que a cultura comunica algo e pode ser compreendida. Daí a necessidade de uma hermenêutica cultural.[22] Embora não traga definições, Vanhoozer descreve as interpretações teológicas da cultura como tão antigas quanto Agostinho ao escrever *A Cidade de Deus*. Agostinho interpretou o seu

---

15 Ibid.

16 Ibid., p. 10.

17 Ibid., p. 10-11.

18 VANHOOZER, Kevin J. The World Well Staged? Theology, Culture, and Hermeneutics. In: CARSON, D. A., WOODBRIDGE, John D. *God and Culture*: Essays in honor of Carl F. Henry. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1993, p. 2.

19 Ibid., p. 6.

20 Ibid.

21 Ibid., p. 8.

22 Isso será tratado mais adequadamente em outro artigo, que lida com a crítica da cultura.

contexto cultural como o palco da ação de Deus, que caminhava para um fim. Vanhoozer descreve Calvino como herdeiro da mesma tradição, aplicando a noção da soberania de Deus sobre todas as áreas da vida. Após ele, Abraham Kuyper e Herman Dooyeweerd são apresentados como sucessores dessa linhagem. Segundo ele, para Kuyper calvinismo significa reconhecer o senhorio de Cristo sobre todas as áreas da vida.[23] Para Dooyeweerd, as raízes da cultura são sempre religiosas[24]: "o que outros pensadores chamaram de 'espírito da época' é para Dooyeweerd um espírito religioso, um que aceita ou nega o senhorio de Deus sobre a cultura e a criação".[25]

O resgate de Vanhoozer é importante porque Kuyper e Dooyeweerd providenciam uma compreensão do tema que é de grande relevância para os cristãos, em geral, e para os reformados, em particular. Como já mencionado, Kuyper promoveu uma compreensão e prática abrangente e engajada na cultura. Vincent Bacote, apresentando a obra *Wisdom and Wonder*, de Kuyper, afirma que "embora Kuyper seja conhecido por sua abordagem de um número de questões teológicas, talvez as mais proeminentes sejam soberania das esferas, antítese e graça comum".[26] Não aleatoriamente, essas três questões estão diretamente relacionadas com a presença cristã no meio da cultura.[27]

Semelhantemente, a descrição dooyeweerdiana de um impulso religioso que direciona a cultura é de grande impacto para um melhor entendimento da questão. Dooyeweerd vai além da conceituação de cultura como hábito e padrões de comportamento comunitários, ou mesmo sistemas de crença compartilhados. A linguagem de motivos básicos religiosos contempla uma dimensão mais profunda e visceral.[28]

Não apenas Kuyper e Dooyeweerd, mas outros envolvidos na tradição neocalvinista contribuíram para a ampliação do entendimento. É dentro dessa tradição, por exemplo, que o próprio termo "mandato cultural" foi cunhado por Klass Schilder em sua obra *Cristo e Cultura*.[29] A palavra mandato, como

---

23 Ibid., p. 16.

24 Ibid., p, 17.

25 Ibid.

26 BACOTE, Vincent E. Introduction. In: KUYPER, Abraham. *Wisdom and Wonder*: common grace in science and art. Grand Rapids, MI: Christian's Library Press, 2011. Edição do Kindle. Loc 232.

27 Para discussões mais detalhadas sobre tais conceitos, ver: SUTANTO, N. G. Cultural Mandate and the Image of God: Human Vocation under Creation, Fall, and Redemption. *Themelios*, v. 48, n. 3, p. 592–604, 2023; VAN TIL, Henry. *O conceito calvinista de cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010; e UN, A. S. Sphere Sovereignty According to Kuyper. *Unio Cum Christo: International Journal of Reformed Theology and Life*, v. 6, n. 2, p. 97, 1 out. 2020.

28 DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da cultura ocidental*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

29 SCHILDER, Klaas. *Christus en Cultuur*. Uitgeverij Franeker (T. Wever), 1948. Tradução para o inglês disponível em: https://spindleworks.com/library/schilder/ChristnCulture.html. Acesso em: 16 maio 2025.

nos lembra Sutanto,[30] já havia sido usada por Bavinck. Mas em Schilder a expressão "mandato cultural" toma forma. O ponto distintivo dessa expressão é que ela anuncia a produção de cultura como um chamado de Deus e, por consequência, toda ação humana na cultura, boa ou má, é uma resposta ao Criador. Nos termos de William Edgar: "O esforço cultural é um chamado emitido à humanidade antes da Queda, que seria reiterado, mas não iniciado, na ordem da redenção".[31]

Edgar também traz sua contribuição para a definição de cultura, conectando-a ao fato de o homem ser criado à imagem e semelhança de Deus: "A imagem de Deus é constitutiva e funcional. Deus não apenas criou os seres humanos de uma determinada maneira, mas também os chama para determinadas tarefas".[32]

Emilio Garofalo resume bem essa ideia ao afirmar que

> O homem analogamente reflete a Deus e é capaz de imitá-lo em ser um criador. Na realidade, a pessoa humana é incapaz de não refletir a Deus em seu conhecimento e suas ações. Ela é sempre teorreferente, embora a posição ética básica de seu coração possa ser contra ou a favor de Deus.[33]

Tal noção, portanto, acrescenta à dimensão responsiva da cultura uma dimensão derivativa da imagem de Deus no homem e de sua função como subcriador.

John Currid une a doutrina da *imago Dei* com a da *imiatio Dei*, descrevendo a atuação cultural humana em paralelo com a ação de Deus. Os seres humanos não são apenas criados à imagem de Deus (*imago Dei)*, mas também para agirem como ele (*imitatio Dei*). Essa não é uma questão apenas de caráter, mas de função e atividade. Em Gênesis 1-2, vemos que a humanidade deve imitar a Deus de três maneiras. Para preparar o cenário, Gênesis 1.2 descreve o estado da Terra como "sem forma" e "vazia". Nos três primeiros dias da criação (1.1-10), Deus controla a ausência de forma e cria um mundo ordenado. Ele realiza isso por meio da palavra, ao dar nome e separar diferentes partes da criação. Em Genesis 2, o homem faz o mesmo, controlando e dominando a criação à medida que cultiva o jardim (2.15) e, especialmente, dá nome aos animais (2.19-20). Seu trabalho é a criatividade inteligente, assim como o trabalho inicial de Deus. Em segundo lugar, nos últimos três dias de criação,

---

30 SUTANTO, Cultural Mandate and the Image of God. Cf. nota de rodapé 16.

31 EDGAR, William. *Created and Creating*: A biblical theology of culture. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2017. Loc 24%. Versão digital. Minha tradução.

32 Ibid., Loc 54%.

33 GAROFALO NETO, Emílio. A busca humana da diversão sob a ótica bíblica de Criação-Queda--Redenção. *Fides Reformata*, v. 2, p. 27–49, 2011.

Deus preenche os céus com um exército estrelado e enche a terra com vida animada. A humanidade segue o padrão divino ao preencher a terra com sua progenitora por meio da reprodução (1.28), assim como ao enchê-la com a produção por meio do cultivo dela (2.15). Finalmente, no último dia da criação, Deus descansa de sua atividade de controle e preenchimento. Certamente está implícito que a humanidade faria o mesmo à medida que trabalhasse por seis dias e descansasse no sábado. Isso é confirmado mais tarde pelas leis do sábado (ver Êx 20.8-11, que liga o sábado à criação).[34]

Especificamente sobre o relacionamento entre cultura e religião, Henry Van Til afirma que não é possível fazer da religião um aspecto da cultura:

> Dizer que ela [a cultura] inclui [a religião] é o erro básico de praticamente todos os nossos antropólogos culturais, fato que deve ser avaliado por meio de leitura cuidadosa de todo trabalho básico sobre antropologia, de autores como Vander Leeuw, Malinowski e outros.[35]

Van Til sintetiza sua compreensão na máxima: "A cultura é a realização do molde intencional da natureza na execução da vontade criativa de Deus. (...) a cultura como tal é dom de Deus ao homem, bem como uma obrigação".[36]

É verdade que nem todo teólogo cristão lançou olhares graciosos para a cultura. Como se verá à frente, algumas posturas adotadas por cristãos partem da premissa de que a cultura é algo necessariamente prejudicial ao cristão e que, portanto, ele deveria se manter distante dela. Tais teólogos não forneceram grande contribuição para a definição de cultura.

Por fim, a contribuição da teologia cristã para se compreender cultura está em descrever a relação transcendental necessária em todo empreendimento cultural. Cultura é reflexo da imagem de Deus, é um chamado de Deus, é uma resposta a Deus e é movida por um impulso religioso, seja de obediência ou rebelião contra Deus.

Isso nos permite oferecer uma definição operacional. Longe de esgotar o conceito, uma definição busca organizar as noções percebidas e sintetizá-las em uma declaração. Podemos conceituar cultura como *uma resposta comunitária ao chamado de Deus, por meio da qual os homens agem sobre a natureza, tanto expressando suas crenças e compreensões, quanto fomentando significados e direções de vida*. Esse conceito expressa a dimensão comunitária da cultura, bem como a dimensão espiritual, a dimensão prática/material e a dimensão simbólica/imaginativa.

---

34 CURRID, John D. Gênesis. In: VAN PELT, Miles. *Introdução Bíblico-Teológica ao Antigo Testamento*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2024, p. 62-63.

35 VAN TIL, Henry. *O conceito calvinista de cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 30.

36 Ibid., p. 38.

Contudo, a compreensão da cultura não se faz apenas na identificação de aspectos e da síntese em uma afirmação. Para os cristãos, a compreensão também se faz necessária observando a maneira de a Bíblia apresentar a cultura no enredo mais amplo da história da redenção.

5.1 Como a Escritura apresenta a cultura na história da redenção?

Diferentes autores têm trabalhado interpretações da história da cultura na Bíblia. Uma boa referência é aquela que considera a história da redenção segundo os quatro atos de um drama – Criação-Queda-Redenção-Consumação –, tal qual Edgar utiliza em sua análise.[37]

Pode-se descrever a cultura na Criação como a expressão do *shalom*: a harmonia plena de toda a realidade criada.[38] Na criação o homem é formado à imagem de Deus e recebe o mandato cultural. O relato da criação expressa que o propósito criacional envolve o domínio do homem sobre os outros seres, a multiplicação (Gn 1.26-28) e o trabalho de cultivar e guardar o jardim (Gn 2.15). Nesse ambiente, portanto, a cultura é produzida como resposta direta ao chamado de Deus, sem a influência do pecado, e com a finalidade justa de glorificar ao Senhor e produzir o bem comum. Essa produção cultural se percebe na atividade de Adão em exercer domínio dando nome aos animais (Gn 2.19,20). O homem cultivava e guardava o jardim (Gn 2.15). Adão também deu nome a Eva (Gn 2.22). Se a cultura é a expressão da religião, a produção cultural humana no Éden era a expressão de adoração ao Deus verdadeiro, em uma resposta de submissão, gratidão e contentamento. Sem o pecado, a vivência do *shalom* era a harmonia plena de cada coisa em seu lugar, cada propósito bem estabelecido, cada amor ordenado e cada ação bem-direcionada. Na história da redenção, a cultura no Éden pode ser descrita como *harmônica*.

Mas a cultura não permaneceu assim. Gênesis 3 apresenta o relato da Queda. Em resumo, a sedução da serpente apresentava a proposta de uma vida autocentrada e independente de Deus. A vivência humana era mediada pela Palavra do Senhor; epistemologicamente, nos termos de Cornelius Van Til, o homem "pensava os pensamentos de Deus após Ele"[39] – a compreensão do mundo era estabelecida pela Palavra de Deus; a compreensão do homem em sua identidade e propósito era estabelecida pela Palavra de Deus; a compreensão moral e o estabelecimento dos limites da ação humana eram conhecidos pela Palavra de Deus. Essa epistemologia centrada na revelação divina fornecia a

---

37 EDGAR, *Created and Creating*.

38 Para uma melhor compreensão do conceito de Shalom, cf. GILLETT, D. Shalom: content for a slogan. *Themelios*, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 80–84, 1976.

39 VAN TIL, Cornelius. *Defense of the Faith*. Philadelphia, PA: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1955, p. 118-119, 125, 339.

base para a existência humana harmônica no mundo. A sedução da serpente propunha a subversão dessa dinâmica. "Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (Gn 3.5) – a oferta era de ser igual a Deus e de ser epistemologicamente independente de Deus. A aceitação dessa oferta distorce toda a ordem criacional, transformando o senso de identidade e propósito humano e movendo-o na direção da autorreferência em seus pensamentos, sentimentos, vontade e ações. A cultura tomaria a forma de uma nova religião.

Como sabemos, o homem aceitou a oferta satânica. Estamos no ambiente da Queda. E agora uma nova dinâmica se estabeleceu no mundo. Homem e mulher foram punidos em seus chamados centrais – o homem no trabalho, com a terra oferecendo resistência ao seu cultivo (produzindo cardos e abrolhos, e o cultivo agora acontecendo com o suor do rosto), e a mulher na maternidade, com a multiplicação das dores do parto.[40] O mandato para produzir cultura, porém, permaneceu. E mesmo com as distorções epistemológicas e morais, os homens ainda respondem a Deus na produção de cultura. Mesmo sem o direcionamento correto, ainda agem como subcriadores, desenvolvendo bens culturais que resolvem problemas, aliviam dores e tornam a vida humana mais rica. Essas são manifestações do que a tradição kuyperiana chama de "graça comum".

Um exemplo disso está logo em Gênesis 4. No ambiente da Queda já vemos expressões brutais, como o assassinato de Abel. Nesse cenário, porém, o desenvolvimento cultural continua se manifestando. O primeiro registro relevante para o nosso propósito está em Gênesis 4.17. Somos informados de que Caim, o assassino, introduz inovação cultural ao edificar uma cidade. Tal informação não deve ser desprezada. Povoados e vilas possuem dinâmicas próprias, mas a fundação de uma cidade introduz novos níveis de complexidade nas relações humanas e na organização política. Caim inicia esse movimento.[41]

Mais informações relevantes vêm a partir de Gênesis 4.20: Ada deu à luz a Jabal; este foi o pai dos que habitam em tendas e possuem gado. A figura de Jabal apresenta um desenvolvimento cultural conectado à pecuária. O versículo seguinte introduz nova performance cultural significativa: "O nome de seu irmão era Jubal; este foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta"

---

40 Cf. Grudem, W. The Key Issues in the Manhood-Womanhood Controversy, and the Way Forward. In: W. A. Grudem (Org.). *Biblical Foundations for Manhood and Womanhood*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2002, p. 34: "One aspect of the curse was imposing pain on Adam's particular area of responsibility, raising food from the ground: 'cursed is the ground because of you; in pain you shall eat of it all the days of your life; thorns and thistles it shall bring forth for you.… By the sweat of your face you shall eat bread, till you return to the ground' (Gen. 3:17–19). Another aspect of the curse was to impose pain on Eve's particular area of responsibility, the bearing of children: 'I will surely multiply your pain in childbearing; in pain you shall bring forth children" (Gen. 3:16).

41 Não é sem relevância perceber que na revelação bíblica o mundo inicia em um jardim e "termina" em uma cidade.

(Gn 4.21). Jubal traz criatividade cultural no contexto da produção artística. Possivelmente o seu trabalho criativo se deu na criação dos instrumentos musicais e na composição de peças musicais. Gênesis 4.22 apresenta mais um ponto de desenvolvimento cultural: "Zilá, por sua vez, deu à luz a Tubalcaim, artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro (...)". A figura de Tubalcaim introduz a técnica e o manuseio do ferro e bronze para a produção de instrumentos e ferramentas cortantes, que serviriam aos mais diversos propósitos, como o trabalho da agricultura, estabelecido no Éden, mas também ao corte de animais, no trabalho da pecuária, na produção de instrumentos musicais, e na gastronomia.

Tal relato é especialmente significativo porque Jabal, Jubal e Tubalcaim são filhos de Ada e Zilá, esposas de um homem perverso: Lameque (Gn 4.19). Lameque produziu distorção cultural, sendo o primeiro homem a tomar para si duas esposas. A sua inovação se deu na perversão dos padrões de Deus para a sexualidade e o casamento. Ele também era um homem cruel, pervertendo a justiça, como apresentado em Gênesis 4.23,24.

O relato bíblico no cenário da Queda apresenta uma dinâmica incongruente, em que um homem perverso produz inovações culturais que causam mal social, ao mesmo tempo em que seus filhos produzem inovações culturais que enriquecem a vida humana.

Algo parecido nos é apresentado no relato de Gênesis 11. A cena da torre de Babel é uma grande demonstração de desenvolvimento cultural, ao mesmo tempo em que ilustra o direcionamento da cultura para longe dos padrões de Deus. O texto começa com o desenvolvimento da técnica para a engenharia civil:

> 3 E disseram uns aos outros: Vinde, façamos tijolos e queimemo-los bem. Os tijolos serviram-lhes de pedra, e o betume, de argamassa. 4 Disseram: Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo tope chegue até aos céus e tornemos célebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra (Gn 11:3-4).

Todos ainda falam o mesmo idioma, como o início do capítulo demonstra. Agora eles dão início a um plano que envolve a inovação cultural, porém com o propósito contrário ao estabelecido por Deus. O mandamento do Senhor era para que o homem se multiplicasse e enchesse a terra; os homens de Babel querem permanecer em um mesmo local. A direção estabelecida pelo Senhor era de que o homem viveria para a glória de Deus; os homens de Babel querem fazer um nome para si mesmos.

Tais descrições demonstram como, no cenário da Queda, o desenvolvimento cultural produz coisas boas e más simultaneamente, como os amores e direcionamentos estão em desordem e como, mesmo sob maldição, a vida humana é enriquecida pela criatividade daqueles que continuam manifestando a imagem de Deus.

Se no cenário da Criação o desenvolvimento cultural pode ser descrito como harmônico, no cenário da Queda a palavra para descrever tal desenvolvimento é *ambiguidade*. Um novo ato no enredo da redenção se dá com a vinda de Cristo. Agora chegamos ao cenário da Redenção. Como Kuyper, Dooyeweerd e Schaeffer enfatizam, a salvação operada por Jesus toca a dimensão fundamental de nossa justificação e reconciliação com Deus, porém não se restringe a uma área "espiritual" da vida. O senhorio de Jesus envolve todas as áreas da vida, e a redenção operada por Cristo está fazendo novas todas as coisas.

É assim que a produção cultural pode ser desenvolvida com o foco na glória de Deus. Isso fica bem demonstrado em Efésios, especialmente na reorganização dos relacionamentos humanos. A partir de Efésios 5, o apóstolo Paulo demonstra como os relacionamentos entre marido e mulher, pais e filhos, irmãos na fé e servos e senhores podem ganhar novos contornos. Se antes esses relacionamentos manifestavam autorreferência e desprezo para com a lei do Senhor, a redenção possibilita mudanças culturais significativas, reorganizando a dinâmica social para a glória de Deus e o bem comum.

Aqui a vivência dos redimidos no meio da cultura expressa alegrias e desafios. A igreja desfruta das bênçãos da produção cultural humana e participa delas, como a linguagem, a moda, a gastronomia e a medicina. Ao mesmo tempo, o cristão observa como a cultura caminha em direções apóstatas e deve ter cuidado para não ser moldado pelo espírito de uma sociedade em rebelião contra Deus (Rm 12.2).

O ponto de destaque é que, na Redenção, existe esperança para a produção cultural humana. Da expressão de uma religião falsa, é possível que a subcriação humana tenha como foco a glorificação de Deus. Aquilo que estava fraturado está sendo reunido e tratado, e os efeitos disso podem produzir a ira daqueles que ainda rejeitam ao Senhor, mas também podem produzir verdadeira alegria e paz. Porque o pecado ainda não foi completamente eliminado, ainda haverá certa ambiguidade, e mesmo os filhos do Senhor, cujos corações estão sendo reorientados, ainda produzirão cultura de formas saudáveis e doentias. Mas uma nova direção já se faz presente. A palavra que descreve o desenvolvimento cultural no cenário da Redenção é *esperança*.

Finalmente, a história da redenção introduz um capítulo final: a Consumação. Tal cenário se dá com a segunda vinda de Cristo e a chegada dos novos céus e nova terra. Por causa de nossa confusão quanto aos conceitos de escatologia, podemos ser tentados a pensar que o capítulo final manifesta o fim da cultura. Porém, tal noção reflete um dualismo que coloca a vivência da comunhão com o Senhor em uma categoria separada da vida comum, e a experiência na cultura como algo de ordem inferior e desconectado da relação com Deus. As imagens bíblicas apontam para algo diferente: nos novos céus e nova terra haverá reorganização política e paz social (Is 11.1-10); banquetes e

festas (Is.25.6-12; Mt 8.11); edificação de casas, plantação de vinhas e trabalho (Is 65.17-25) – e todas essas são atividades culturais.

A diferença está no fato de que o ambiente da Consumação é um cenário sem a presença do pecado. Tudo o que foi manchado na Queda, agora está purificado. Toda a ambiguidade foi removida, e a esperança se concretizou. A ação cultural humana tem como foco a glorificação de Deus e o bem comum, sem mistura e sem falhas. A palavra para descrever o desenvolvimento cultural na Consumação é *plenitude*. Harmonia, ambiguidade, esperança e plenitude. Assim a Escritura nos fala sobre o desenvolvimento cultural.

Tendo contemplado a grande história, podemos vislumbrar como a nossa história no presente momento se encaixa no quadro geral. Isso ajusta as nossas expectativas e refina o foco para os chamados de Deus que temos de cumprir. Isso permite intencionalidade na participação cultural e nos encaminha para reflexões e práticas mais assertivas. É assim que, da grande história, podemos refletir sobre conceitos que norteiam nosso entendimento e participação na cultura.

5.2 Que categorias bíblicas e teológicas podem nos ajudar a pensar adequadamente a relação com a cultura?

O esforço teológico de pensar a relação entre o cristão e a cultura pode produzir grande auxílio por meio de conceitos e categorias de entendimento. Tais categorias podem funcionar como molduras que ajustam a visão e direcionam os passos. Aqui o esforço não é de ser exaustivo, mas destacar conceitos bíblicos e teológicos importantes nessa reflexão. Alguns já foram mencionados acima, mas é útil destacá-los de forma organizada nesta seção.

A primeira categoria a ser destacada é a de *imago Dei*. Por meio dela compreendemos que o homem é criado à imagem e semelhança de Deus. Tal noção posiciona o homem de forma especial na criação divina e anuncia traços peculiares da humanidade. Como visto acima, a doutrina da *imago Dei* também revela o homem como subcriador, agindo analogicamente em relação a Deus.

O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26-27), é naturalmente um criador e um cultivador. A capacidade humana de criar cultura (arte, linguagem, tecnologia, organização social) reflete, mesmo que de maneira imperfeita, a natureza criativa de Deus.

A segunda categoria é a do *mandato cultural*. Tal categoria nos insere no cenário cultural, observando a produção de cultura como um chamado de Deus. É tarefa dada ao homem a produção de e participação na cultura, de modo que a fuga dessa responsabilidade é manifestação de desobediência para com o Criador.[42]

---

[42] Vale destacar que nem todas as tradições teológicas possuem essa compreensão. Segundo a teologia dos Dois Reinos, por exemplo, o mandato cultural não existe mais. Cf. WEST, Jim. The Distinctives

Conceito importante para a relação do cristão com a cultura é o de *vocação*. Tal noção, como no mandato cultural, apresenta a ação humana na cultura como uma resposta a Deus. Porém, como diferencial, esse conceito rompe dualismos anteriores e afirma que toda atividade humana — e não apenas o "ministério" — pode e deve ser feita para a glória de Deus (1Co 10.31; Cl 3.23). O chamado vocacional inclui nossa participação na cultura como pais, artistas, empresários, cientistas, professores, políticos etc.

Toda a estrutura narrativa desenvolvida na seção anterior funciona como uma categoria de compreensão e orientação da presença cristã no mundo. A noção de Criação, Queda, Redenção e Consumação não apenas fornece um senso histórico e um vislumbre do desenvolvimento cultural na jornada da redenção, como também ajusta o senso de responsabilidade e as expectativas culturais que um cristão deveria adotar. Essas categorias também oferecem esperança e paciência na caminhada em um mundo caído.

Com foco mais específico na tradição kuyperiana, a apropriação do conceito de graça comum, expandindo a compreensão calviniana, permitiu a vivência cristã na cultura reconhecendo dádivas e possibilitando a compreensão de ambiguidades como Babel – desenvolvimento técnico e direção apóstata simultaneamente. O conceito de graça comum permite que o cristão viva no mundo sem adotar posturas de rejeição total da cultura. Pelo contrário, tal noção possibilita a recepção, com ações de graças, de obras culturais forjadas por homens cujo coração é contrário ao Senhor. Exemplo disso está no contexto farmacológico. Homens que rejeitam o Deus verdadeiro e adoram deuses falsos podem produzir remédios que prestam grande serviço à humanidade, aliviando dores, produzindo cura e restaurando a saúde.

Ao mesmo tempo, o conceito de graça comum é temperado, na tradição kuyperiana, por outra categoria importante: a *antítese*. Introduzida por Agostinho e desenvolvida por teólogos como Calvino e Kuyper, a ideia da antítese reconhece que existe uma profunda oposição entre o Reino de Deus e o reino das trevas. Essa tensão permeia a cultura: há sempre um embate entre o que glorifica a Deus e o que se rebela contra ele. A noção de antítese nos livra de viver desatentos no mundo, como se cultura fosse "apenas cultura". O espírito de rebelião cruza o coração humano e se expressa na criação cultural, de modo que ímpios podem produzir coisas boas (graça comum), mas o seu direcionamento apóstata estará sempre presente e deve ser identificado com clareza e resistido para a glória de Deus (antítese). A falta de reconhecimento

---

of "Two Kingdom" Theology. *Unio Cum Christo: International Journal of Reformed Theology and Life*, v. 4, n. 1, p. 127, 23 abr. 2018, p. 134: "Accordingly, the Dominion Covenant/Cultural Mandate in Genesis 1:26–30 has been fulfilled in Christ, so that Christians are not surrogate "second Adams" engaged in a futile quest for cultural transformation".

desse aspecto pode nos tornar participantes das obras do mundo, assimilando a cultura e sendo moldados pelo espírito da época (Rm 12.2).

É nessa base de Romanos 12.2 que se pode pensar no *poder formativo da cultura*. Essa categoria é importante por demonstrar que a cultura não apenas é uma expressão do coração (religião) humana, mas também é formadora e influenciadora das maneiras de enxergar e responder a Deus na vida. A cultura pode moldar o homem para que ele seja direcionado para Deus, ou para que se afaste dele. A consciência dessa dimensão traz clareza e foco para a relação do cristão com a cultura, especialmente naqueles meios de formação cultural que afetam mais diretamente o imaginário, como as histórias embutidas nos meios artísticos tais como filmes, séries, músicas, contos, mitos etc.

Por fim, uma categoria final para os propósitos deste artigo é a de *missão* (*missio Dei*). Deus está em missão no mundo – e ele chama seu povo a participar dessa missão (Jo 20.21). A cultura é tanto o campo quanto o meio da missão: evangelizamos dentro da cultura e também por meio de formas culturais (literatura, música, cinema, internet etc.). O trabalho missional da igreja deve levar a sério a cultura em geral e as expressões culturais específicas do povo ao qual se pretende servir, a fim de que a comunicação seja mais efetiva. Uma das críticas de Francis Schaeffer à igreja do século 20 foi que ela deixou de entender como a cultura pensa, e assim perdeu, em grande medida, a capacidade de servir dentro de sua geração.

> Sem dúvida, foi lamentável o fato de que os nossos "pensadores" cristãos, antes que a mudança se instalasse e que o despenhadeiro fosse estabelecido, não tenham ensinado e pregado com base em uma clara compreensão das pressuposições. Tivessem eles agido assim, não teriam sido tomados de surpresa e poderiam ter ajudado os jovens a enfrentar suas dificuldades. Mas a maior ironia em tudo isso é o fato de que, mesmo agora, anos depois de a mudança se completar, muitos cristãos ainda não sabem o que está acontecendo. E isso se deve ao simples fato de que continuam não sendo instruídos acerca da importância de pensar em termos de pressuposições, especialmente no que diz respeito à verdade.
>
> As correntes do pensamento secular e da teologia liberal tomaram conta da igreja, porque os líderes não entendem a importância de um falso grupo de pressuposições. Muitas vezes batalharam em território errado e, assim, ao invés de se colocarem à frente, ao mesmo tempo na defesa e na comunicação, ficavam para trás rastejando de forma patética. Esta é a fraqueza real que, mesmo hoje em dia, é difícil de se corrigir entre os evangélicos.[43]

Resta-nos ainda perceber as respostas-padrão que os cristãos têm oferecido à cultura.

---

43 SCHAEFFER, Francis. *O Deus que intervém*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 24.

6. COMO OS CRISTÃOS TÊM RESPONDIDO, COMUMENTE, À CULTURA?

É importante ter clareza quanto aos pontos trabalhados até aqui, mas também, a título de compreensão cultural, é importante realizar o trabalho de observação e análise das respostas já oferecidas pelos cristãos ao longo dos séculos e na cultura contemporânea. Esse trabalho tem sido realizado por estudiosos de diferentes maneiras. Aqui será útil considerar as descrições de obras clássicas e contemporâneas abordando a questão.

O texto clássico por excelência sobre o assunto é *Cristo e cultura*, de Richard Niebuhr.[44] Nessa obra somos apresentados a cinco compreensões e posturas adotadas por cristãos em relação à cultura.

A primeira delas é denominada *Cristo contra a cultura*. Essa postura vê a cultura como essencialmente corrompida e incompatível com o cristianismo. Os defensores dessa posição acreditam que os cristãos devem se separar do mundo cultural e manter uma vida de pureza e santidade fora das estruturas sociais e culturais. Grupos como os anabatistas e certas tradições monásticas representam bem essa perspectiva, que enfatiza o contraste radical entre o Reino de Deus e o mundo. Niebuhr sugere que essa resposta foi oferecida bem cedo na história da igreja. Ele interage com os escritos de Tertuliano para demonstrar que envolvimentos culturais dos mais diversos, como a participação na política, filosofia e artes são condenados.[45]

A segunda postura descrita por Niebuhr é chamada *O Cristo da cultura*. Neste modelo, há uma identificação entre Cristo e os valores mais elevados da cultura. Jesus é visto como o grande realizador dos ideais culturais humanos, e o cristianismo é compreendido como a expressão mais nobre da civilização. Essa postura costuma surgir em contextos mais liberais, nos quais a fé cristã é adaptada à razão e aos valores predominantes da sociedade, frequentemente minimizando os aspectos conflitivos do evangelho. Os exemplos que Niebuhr traz são os gnósticos, nos primeiros séculos, que naturalizaram o cristianismo, transformando-o em mero sistema religioso e filosófico segundo as aspirações de sua época,[46] além de Abelardo, na Idade Média, e os teólogos liberais no século 19.

Cristo acima da cultura é a terceira postura descrita por Niebuhr. Aqui, Cristo é visto como aquele que dá sentido último à cultura, sem rejeitá-la nem se confundir com ela. Essa é uma síntese que busca integrar fé e razão, graça e natureza, mantendo uma distinção entre ambas, mas reconhecendo a necessidade

---

44 NIEBUHR, H. Richard. *Cristo e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

45 Ibid., p. 75-78.

46 Ibid., p. 113.

de mediação. Essa foi a postura, por exemplo, de Tomás de Aquino,[47] que tentou harmonizar a fé cristã com a filosofia aristotélica. Niebuhr descreve três posturas: a dos sintetizadores, a dos dualistas e a dos conversionistas. Neste tópico específico a sua ênfase está sobre os sintetizadores, e nos dois tópicos que seguem, ele falará dos dualistas e dos conversionistas. Niebuhr chama essa postura de os cristãos do centro, diferenciando-os dos cristãos radicais (Cristo contra a cultura) e dos cristãos culturais (O Cristo da cultura).[48]

A perspectiva dos dualistas é apresentada na postura *Cristo e cultura em paradoxo*. Essa perspectiva reconhece a tensão contínua entre Cristo e a cultura. O cristão vive num mundo caído e, ao mesmo tempo, sob a graça de Deus. Assim, há um dualismo prático: o cristão é cidadão de dois reinos, o espiritual e o temporal. Esse tipo de resposta difere do cristão radical, porque não defende uma separação radical e isolamento. Ao mesmo tempo, não propõe um engajamento e transformação, deixando questões como as de justiça e transformação social intocadas. Existe uma dialética constante nessa visão. Resumindo os exemplos de Niebuhr nessa questão, Carson lista Paulo, Agostinho e Lutero.[49]

Finalmente, Niebuhr fala dos conversionistas, expressos na visão *Cristo, o transformador da cultura*. Essa resposta vê a cultura como algo que, embora afetado pelo pecado, pode e deve ser tocado e transformado pelo poder do evangelho. Niebuhr diz:

> Embora se apeguem a uma distinção radical entre a obra de Deus em Cristo e a obra do homem na cultura, eles não seguem o caminho do Cristianismo exclusivista, isolando-se da civilização ou rejeitando as instituições com a amargura tolstoiana.[50]

Os cristãos são chamados a atuar no mundo com vistas à sua renovação à luz do Reino de Deus. É a visão de Agostinho e de João Calvino, que acreditavam na soberania de Deus sobre todas as esferas da vida e no chamado cristão para reformar e santificar a cultura.

A descrição de Niebuhr se tornou paradigmática em muitos sentidos, de forma que se faz presente nas mais diversas discussões sobre cristianismo e cultura. Isso não implica juízo de valor, mas o reconhecimento de sua relevância.

---

47 Ibid., p. 156. Tomás de Aquino é apresentado como "o maior de todos os sinteticistas na história cristã".

48 Ibid., p. 145-6.

49 CARSON, D. A. *Cristo & cultura*: uma releitura. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 31.

50 NIEBUHR, *Cristo e cultura*, p. 223.

Uma crítica dessa proposta foi oferecida por Donald Carson, destacando pontos fortes e fracos de tal descrição.[51]

Embora seja a descrição mais relevante, a proposta de Niebuhr não é única. Seu texto original data de 1951, mas em 1912 outro teólogo proferia seu arrazoado sobre o tema. A palestra "O preparo científico do ministro" foi ministrada por J. Gresham Machen em 20 de dezembro daquele ano, no Seminário Teológico de Princeton. Dessa palestra nasceu o artigo que seria publicado em 1913 na *Princeton Theological Review*, e divulgada posteriormente em livretos com o título *Cristianismo e cultura*. Naquela ocasião, Machen já refletia e provocava seus ouvintes a considerar a relação entre o cristão e a cultura.

Em seu texto, à medida que desenvolve seu argumento, Machen revela que há três respostas possíveis para o problema da relação do cristão com a cultura. A primeira resposta subordina o cristianismo à cultura. Embora não nomeie, Machen se refere à teologia liberal.

> Embora em parte de forma inconsciente, essa é uma solução favorecida por uma parte muito importante e influente da Igreja nos dias de hoje; pois a eliminação do sobrenatural no cristianismo – algo tão comum nos dias de hoje – realmente transforma o cristianismo em uma religião natural. Ele se torna um produto humano, apenas uma parte da cultura humana. [...] Assim, ao subordinar o cristianismo à cultura, de fato destruímos o cristianismo, e o que ainda carrega seu antigo nome é uma falsificação.[52]

A segunda resposta, no extremo oposto, busca "destruir a cultura".[53] Se os liberais representavam o grupo anterior, os fundamentalistas podem representar esse grupo.[54] Machen também critica essa postura, por suas contradições internas. Não podemos, portanto, ser completamente independentes dos resultados alcançados pelo intelecto. Além disso, não podemos, sem contradizer a nós mesmos, usar a imprensa, o trem e o telégrafo na propagação do evangelho e, ao mesmo tempo, denunciar como malignas as atividades da mente humana que produziram tais coisas. E na produção dessas coisas, não apenas o gênio inventivo prático participou, mas por trás de tudo isso estavam as investigações da ciência pura, impulsionadas apenas pelo desejo de conhecer. Portanto, em

---

51 Cf. CARSON, *Cristo & cultura*, p. 37-64.

52 MACHEN, J. Gresham. *Cristianismo e cultura*. Belo Horizonte, MG: Bereia Editora, 2021, p. 6-7. Kindle Edition.

53 Ibid.

54 Vale lembrar que no início do século 20, especialmente nos Estados Unidos, a controvérsia modernista-fundamentalista estava em plena força. Para mais informações sobre isso, ver: WADDINGTON, J. C. The Fundamentalist-Modernist Controversy. *American Religious History: Belief and Society Through Time*, Vol. 1-3, v. 2, p. 148-149, 1 jan. 2019.

sua forma extrema, que exige o abandono de toda atividade intelectual, nenhum de nós adotaria essa segunda solução.[55]

Sem cair na primeira ou segunda posturas, Machen propõe uma terceira: a consagração da cultura.

> Em vez de destruir as artes e as ciências ou ser indiferente a elas, vamos cultivá-las com todo o entusiasmo de um verdadeiro humanista, mas ao mesmo tempo consagrá-las ao serviço do nosso Deus. Em vez de sufocar os prazeres oferecidos pela aquisição do conhecimento ou a apreciação da beleza, vamos aceitar esses prazeres como presentes de um Pai celestial. Em vez de eliminar a distinção entre o Reino e o mundo, ou por outro lado nos retirar do mundo em uma espécie de monasticismo intelectual modernizado, avancemos alegremente, com todo entusiasmo, para submeter o mundo a Deus.[56]

Machen, quando fala de cultura, tem mais em mente a noção de alta cultura, ou de conhecimento e expressão de sofisticação racional e intelectual, do que a ampla variedade de significados, hábitos, crenças, práticas e compromissos do coração. Ainda assim, é interessante que ele pontue como problemáticas as posturas de acomodação ou de separação, sugerindo um caminho de engajamento e produção cultural com foco na glória de Deus. Nesse sentido, ele faz uma afirmação pujante e encorajadora para a presença cristã no mundo:

> O cristão não pode se satisfazer enquanto houver alguma atividade humana em oposição ao cristianismo ou totalmente desconectada dele. O cristianismo precisa impregnar não apenas todas as nações, mas também todo o pensamento humano. O cristianismo, portanto, não pode ser indiferente a nenhum ramo do esforço humano que seja importante. É necessário estabelecer algum tipo de contato entre o evangelho e esses ramos. Devemos estudá-los tanto para demonstrar que são falsos quanto para utilizá-los na promoção do Reino de Deus. O Reino precisa ser promovido não apenas para ganhar todo homem para Cristo, mas para ganhar o ser humano como um todo. Devemos nos encorajar, mesmo em meio ao desânimo, pensando no tempo em que todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus é Senhor. A inspiração contida no outro aspecto dessa grande consumação também não é menor. Virá o tempo em que as dúvidas terão desaparecido, em que todas as contradições terão sido eliminadas, em que toda ciência convergirá para uma única grande convicção, em que toda arte será dedicada a um único grande fim, em que todo pensamento humano será impregnado pela influência purificadora e nobre de Jesus, em que todo esforço terá sido submetido à obediência de Cristo.[57]

---

55 Ibid., p. 7-8.

56 Ibid., p. 8-9.

57 Ibid., p. 9-10.

Que outras posturas têm sido utilizadas para descrever a relação do cristão com a cultura? Uma forma imaginativa foi escolhida por Brian Godawa.[58] Ele toma emprestada a imagem dos distúrbios alimentares para aplicar no contexto do tema abordado. Apresenta as distorções na resposta cristã à cultura como "anorexia" e "glutonaria" cultural.

Segundo a sua descrição os anoréxicos culturais não recebem nada da cultura e são tomados pela "irrelevância e alienação em relação aos outros".[59] O risco dessa postura, segundo o autor, é que os anoréxicos colocam em risco sua própria humanidade. Ao rejeitar as artes – o centro de sua atenção no texto – os cristãos rejeitam a imagem de Deus nos homens. Segundo as categorias descritas anteriormente, esse grupo se assemelha à postura de Cristo contra a cultura (Niebuhr) e da destruição da cultura (Machen).

Os glutões culturais, por outro lado, são aqueles que "consomem arte popular de forma muito passiva, sem discriminação".[60] Tal visão expressa a ideia de que a cultura – ou, nesse caso específico, as artes – serve apenas para divertir e entreter, e não comunica algum conteúdo, qualquer que seja. Contra isso, Godawa propõe que toda expressão artística conta uma história que é, essencialmente, sobre redenção.[61] Toda expressão artística (cultural) comunica uma cosmovisão.[62] Os glutões podem ser associados às posturas de acomodação daqueles que submetem o cristianismo à cultura (Machen) ou confiam no Cristo da cultura (Niebuhr).

Se anorexia e glutonaria são distúrbios alimentares e, na descrição de Godawa, culturais, a resposta saudável estaria em cultivar uma dieta que aprende a se alimentar do que tem sido produzido (diferente da anorexia), porém aprendendo a selecionar e rejeitar o que não convém (diferente da glutonaria). Uma crítica possível à descrição de Godawa, embora deva ser considerado o propósito de sua obra, é que ao cristão é relegado somente o papel de consumidor, e não de produtor cultural. No restaurante de Godawa, estamos sempre do lado de fora da cozinha, apenas lidando com os alimentos preparados por outros.

Uma última descrição se faz interessante para os nossos propósitos. Andy Crouch, em seu *Culture making*, descreve na forma de quatro "cês" algumas posturas que cristãos têm adotado frente à cultura.[63]

---

58 GODAWA, Brian. *Cinema e fé cristã*: vendo filmes com sabedoria e discernimento. Viçosa, MG: Ultimato, 2004.

59 Ibid., p. 14.

60 Ibid.

61 Ibid., p. 15.

62 Ibid., p. 16.

63 CROUCH, Andy. *Culture Making*: recovering our creative calling. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009.

Crouch, diferente das descrições acima, não apresenta tais posturas como necessariamente excludentes. Ele sugere que todas possuem o seu momento na forma de um cristão lidar com a cultura. Porém, assim como Godawa trouxe a metáfora dos distúrbios alimentares, Crouch utiliza a palavra "postura" intencionalmente, como uma metáfora. Em sua descrição, uma postura física assumida habitualmente nos vicia e dificilmente é percebida conscientemente por nós.[64]

As posturas são descritas em quatro cês: *condenar, criticar, copiar e consumir* cultura. Condenar a cultura está associado a uma postura de afastamento. Crouch menciona os fundamentalistas como exemplo disso.[65] Criticar a cultura, na descrição de Crouch, foi a postura adotada por aqueles que perceberam os impactos negativos do fundamentalismo e convocaram a igreja a um novo tipo de engajamento cultural. Ele cita como exemplo Carl Henry e Francis Schaeffer.[66] Ainda assim, destacou que o foco de alguns desse círculo ficou somente na análise cultural.[67] Copiar a cultura é a postura de produzir versões cristãs daquilo que tem sido oferecido no mundo. Crouch menciona o *Jesus Movement e a CCM (Christian Contemporary Music)* como exemplos concretos: ambos pegaram o que era popular à cultura – a contracultura da década de 60 e as bandas musicais de rock e pop das décadas de 70 a 90 – e aplicaram um verniz cristão.[68] Finalmente, Crouch menciona a postura de consumir cultura. Para ele, essa é a postura predominante atualmente: os cristãos deixaram as cópias de lado e passaram a ir diretamente às fontes seculares para consumir a cultura,[69] em grande medida, acriticamente.

CONCLUSÃO: COMPREENDER A CULTURA É UMA TAREFA POSSÍVEL

Chegar ao final deste artigo pode dar a impressão de que a discussão sobre cristianismo e cultura é mais abrangente do que se imagina. Isso é verdade. Mas também pode dar a impressão a alguns de que a tarefa é complicada e difícil. Não necessariamente.

Vivemos no ambiente cultural e, embora a reflexão teórica nos posicione em um distanciamento temporário para dissecar o corpo sobre uma mesa, o fato é que logo recobramos a realidade de que a relação com a cultura é vivida dia após dia em cada conversa com colegas de trabalho, nos filmes que assistimos e nas dinâmicas vividas na família.

---

64 Ibid., p. 90.

65 Ibid., p. 84.

66 Ibid., p. 86.

67 Veremos mais sobre isso no artigo seguinte, que trata especificamente de criticar a cultura.

68 CROUCH, *Culture Making*, p. 87.

69 Ibid., p. 89.

Por isso, compreender a cultura é tarefa importante para a intencionalidade de uma vida que busca glorificar a Deus e responder aos seus chamados. Ao longo deste artigo observamos um conceito mais bem definido de cultura, destacando especialmente a sua direção religiosa; percebemos essa direção manifesta ao longo da história da redenção, identificamos categorias bíblicas para pensar a questão e observamos as formas comuns de os cristãos agirem com relação à e na cultura. De posse dessas informações, nossa movimentação no mundo já pode ser transformada em diversos sentidos, ainda que comece simplesmente com o desenvolvimento de consciência e com a avaliação de nossas posturas. Começar em algum lugar é fundamental.

Resta-nos desenvolver as reflexões para os campos da crítica e da produção cultural. Como podemos ler a cultura? E qual é nosso papel em termos de produção cultural? Isso será realizado em artigos posteriores.

ABSTRACT

How should the Christian live in relation to culture? This article seeks to respond to this question through the analysis of theological and biblical tools that help to understand culture and the Christian action in the world. The text is structured around three aspects: comprehend, criticize, and create culture, dealing in the present essay only with the first one. Starting with a robust definition of culture – as a communal response to God's calling – it analyzes its trajectory in the history of redemption (Creation, Fall, Redemption, and Consummation). On the basis of this narrative, the article proposes theological categories such as imago Dei, cultural mandate, calling, common grace, and antithesis, that mold a Reformed, committed perspective. Besides, it evaluates some Christian stands regarding culture, with special emphasis on authors such as Schaeffer, Kuyper, Dooyeweerd, Niebuhr, Machen, and Crouch. It concludes that understanding culture is possible and essential for a faithful and intentional Christian life in the world.

KEYWORDS

Christianity and culture; Reformed theology; Common grace; Antithesis; Cultural mandate.